

## A FILHA DO TROPEIRO

---

### I



Não só nas cidades populosas, ou no meio dos salões dourados, ao ruído dos prazeres e das galas do mundo, se deve estudar o caracter da sociedade contemporanea, e retratar a luta das paixões humanas, que constituem o fundo do grande quadro da vida. Os romancistas modernos tem explorado até quasi á saciedade este assumpto, tanto pelo lado dos typos mais elevados da escala social, como entre o povo, e sobretudo a classe media, que conta na lista de seus illustres historiadores physiologicos o nome do immortal Balzac.

Se os trabalhos d'este genero não estão por ventura ainda realizados entre nós, apesar de algumas tentativas felizes que recentemente se hão feito, o que diremos quanto aos costumes e ao viver do interior do paiz, que naturalmente muito menos attenção tem merecido até hoje d'aquelles que se consagrão a esta natureza de estudos?

E, no emtanto, é este um verdadeiro mundo novo para as descobertas dos engenhos imaginosos e das intelligencias creadoras!

Se os modernos escriptores pouca importancia tem ligado geralmente á observação da vida dos campos, e ao circunstanciado exame de sua feição particular e distinctiva, que forma um dos aspectos mais pittorescos, e talvez o

mais original, apesar de sua apparente monotonia, do cunho especial da nossa civilização, não devemos de certo estranhar que entre nós, em um paiz novo, onde a litteratura e as artes não chegarão a um satisfactorio gráo de florescencia, poucos ou quasi nenhuns tenham sido os tentames ensaiados neste sentido, e que, além dos trabalhos mais scientificos que litterarios, concebidos e realisados a maior parte d'elles por viajantes estrangeiros, não contem as lettras patrias obras onde se descrevão e relatem as gigantescas maravilhas da natureza intertropical, e a epopeia não menos grandiosa, se bem que rude e selvatica, do viver e das paixões dos habitantes do interior de nossas immensas e quasi desconhecidas provincias.

A razão é, porém, simples. Entre nós não se viaja por estudo. Só interesses muito urgentes é que podem fazer-nos alterar os nossos habitos de vida sedentaria e arrancar-nos ás commodidades do conforto burguez. Viajar é para a maior parte, senão para todos os nossos sisudos e pachorrentos burgo-mestres da fortuna e das posições officiaes, uma ideia extravagante e louca, que lhes inspira piedade e até quasi compaixão por aquelles, raros, que o intentão. É mais appetecivel rodar em carruagens, ou reclinar-se em poltronas estofadas, que expôr-se ás intemperies das estações e ás rudezas dos caminhos; embora, quando tenham por ventura de tratar de seu proprio paiz, manifestem mais ignorancia e menos conhecimento d'elle do que os hospedes estranhos que nos visitão.

É sabido por longa experiencia qual a importancia que infelizmente merece entre nós a iniciativa de qualquer trabalho intellectual. Aquelle que não presta immediatamente serviços a qualquer dos bandos da politica militante, seja embora sagrado pelo consenso da opinião publica, morre á mingua e de fome, porque os governos desconhecem a sua utilidade, e as lettras no Brasil não são ainda uma profissão que garanta os meios de subsistencia ao homem estudioso.

Quando isto acontece aos proprios filhos do paiz, o que succederá áquelles que, tendo nascido em outro torrão, vierão buscar uma outra patria na esperançosa e nascente civilização da America?

Esse nobre espirito de associação, e direi até de solidariedade, que liga presentemente os interesses de todas as classes sociaes no mundo civilizado, e consubstancia na união collectiva das forças individuaes o direito ao trabalho, a remuneração ao esforço pessoal, é ainda uma utopia entre nós. Embora as relações sejam mais ou menos cordiaes entre os poucos individuos que no Brasil se dedicão ás lucubrações intellectuaes, a sua sorte, o seu destino, o seu interesse é completamente alheio ao pensamento e aos cuidados de seus confrades. Assim, o escriptor isolado vê-se na rigorosa necessidade de entre-

gar-se a qualquer ramo de industria especulativa, para que não tem vocação nem habilitações; e muitas vezes de uma intelligencia superior, de um talento eminente, faz-se um commerciante desgraçado, um instrumento passivo de alguma ambição poderosa; e todos olhão com indifferença para o astro que se sumio, applaudindo não raramente as mediocridades que se levantão.

Apezar de tudo isto, o fogo sagrado não se extingue na alma dos verdadeiros crentes. A imprensa é um sacerdocio augusto, que exige, como os cultos da antiguidade, sacrificios incruentos. O homem que se sente inspirado pelo espirito de Deos, e devorado pela sêde do saber, devassa os dominios do pensamento, encosta os labios sequiosos ás fontes da vida e da verdade, e não se abate ante as contrariedades mesquinhas do seu tempo, nem succumbe ás acintosas provocações da maldade ou dos preconceitos do dia; caminha, porque a sua missão não é da terra, e não podem pagar-lhe o salario da obra que desconhecem os poderosos que o cercão; caminha, só embora, mas com fé ardente no futuro, com esperança na justiça da posteridade; caminha, e em qualquer combro da estrada, em qualquer praça da cidade, em qualquer enruzilhada do caminho, em qualquer solidão do deserto, como os antigos missionarios do catholicismo, levanta um pulpito, sobe a uma cadeira, e proclama com o entusiasmo de sua crença e o ardor de suas convicções a interpretação dos oraculos, as revelações da sibylla, que em palavras de fogo derrama na atmospheria inquieta, embora pesada e nebulosa, do seu seculo!

O autor d'estes ligeiros contos não tem a vaidosa pretensão de apresentar os seus trabalhos como provas para corroborar estas suas reflexões; espera que lhe não attribuão tão estolida vaidade; mas crê que não será de todo perdido o seu esforço em convidar os bons engenhos brasileiros para esta senda tão pouco explorada e tão original da nossa litteratura. Assim sabiremos do caminho trilhado das imitações do estrangeiro, para entrarmos no terreno das creações nacionaes, e occuparmos o lugar que nos compete no mundo das lettras, embora os afans individuaes continuem a não encontrar protecção nem auxilio naquelles que os devião instigar.

## II

O tropeiro da *Fazenda Velha*, situada nas proximidades da villa da Parahyba do Sul, era um homem de quarenta annos, filho da provincia de Minas, de estatura corpulenta, aspecto varonil, peito descoberto, e mãos calosas requemadas pelo ar dos sertões e pelo sol ardente das estradas e das montanhas.

Era o tropeiro um verdadeiro homem do povo na sua accepção mais genuína. Laborioso e honrado, valente e generoso, os seus sentimentos naturaes havião conservado nelle todo o seu primitivo ascendente, sem que o trato rude de sua vida avezada aos mais grosseiros misteres, e o contacto com os homens pela maior parte semibarbaros de sua classe, lograssem afrouxar a sua virtude ou desvia-lo da senda direita da probidade e do bem.

Estes exemplos não são dos mais frequentes nestas asperezas dos ultimos élos sociaes; por isso registamos com cuidado uma das raras excepções d'estes infatigaveis e quasi sempre desgraçados operarios das desconhecidas e inglorias missões da existencia humana.

Manuel Ventura, que assim se chamava elle, tinha por unica propriedade, depois de trinta e tantos annos de uma vida fadigosa, um pequeno quarto apenas no extremo do terreiro da fazenda, onde morava com sua filha Emilia, unico fructo que lhe ficára de sua união conjugal, pois havia seis annos que tinha perdido sua mulher.

Emilia era uma moça de dezoito annos, alta e esbelta, de rosto moreno e cabellos pretos, e esse ar indolente e requebrado que dá uma particular expressão de voluptuosa graça ás filhas do paiz.

Seu pai tinha nella um thesouro, e ella no rustico tropeiro um amparo e um arrimo seguro aos seus annos inexperientes.

Quando o sertanejo sahia com a tropa, Emilia acompanhava-o até á porteira, e, depois de lhe dizer um affectuoso adeos, regressava, não para o seu quarto, mas para o interior da fazenda, onde a familia do proprietario a recebia como parenta, e ali se demorava até que voltasse o tropeiro, fazendo-lhe companhia em todo o tempo que elle se demorava em descanso até á proxima jornada.

A singular harmonia d'estas duas existencias tão divergentes na apparencia, mas tão estreitamente unidas nos intimos sentimentos de suas almas, era um d'esses phenomenos que não devem passar desapercibidos, mesmo quando todos os laços do sangue parecem cimentar estas santas e doces uniões dos espiritos na convivencia domestica.

Emilia estremecia seu pai com todo o affectuoso carinho do mais acrisolado amor filial: velava por elle e junto d'elle como o seu verdadeiro anjo da guarda. Manuel Ventura acreditava que sua filha era um transumpto da divindade, um incentivo sagrado aos labores de sua existencia, e uma garantia anticipada da salvação que esperava merecer a datar da vida futura.

Manuel Ventura, quando se ausentava da fazenda, sentia involuntariamente angustiar-se-lhe o coração, apertar-se-lhe a alma, e, depois de perder de vista a porteira do vasto terreiro, seguia vagaroso e pensativo atrás do ultimo lote

da tropa, que ora desfilava pelas picadas desiguaes das extensas varzeas, ora subia preguiçosa as curvas escabrosas e as abas estereis dos grandes morros do caminho.

Quando ás vezes, ao passar em algum correço, os animaes se demoravão alguns momentos a refrigerar-se bebendo a agua corrente, Manuel Ventura apeiava-se de sua besta pangaré, sentava-se em uma pedra solta da estrada ou encostava-se ao tronco de alguma arvore, puxava a faca do cinto, cortava o fumo, e, enrolando o seu cigarro, fumava passando as mãos pelas barbas, ou limpando o suor da fronte, embebido em profundas reflexões.

Emilia era o seu pensamento constante.

Quando elle tapava uma cruz na encosta do monte ou na quebrada da serra, ou passava em face da igreja da freguezia, o bom tropeiro tirava religiosamente o seu chapéo, e pedia mentalmente a Deos que vigiasse pela sua filha abençoada e querida.

Illimitada era a confiança que Manuel Ventura tinha na segurança em que estava Emilia, confiada aos cuidados de seus amos, que muito os estimavão, e a quem elles retribuía com sincera dedicação; uma moça está, porém, exposta a tantas ciladas, corre ella tantos perigos, que todos os cuidados são poucos para que se não exponha ás desgraças que por ventura podem sobrevir, por mais calma e tranquillidade que corra a existencia de uma donzella.

Emilia havia já sido pedida em casamento por differentes rapazes da sua classe, a quem ella não podia deixar de captivar pela sua formosura, e pelos dotes e prendas que a fazião sobresahir entre todas as suas companheiras das circumvizinhanças. Ella, porém, mostrára-se insensivel sempre a todas estas demonstrações de amor, e dizia a todos que estava resolvida a não sahir da companhia de seu pai, pois este reclamava os cuidados que não podia nem devia negar-lhe como seu unico parente no mundo.

Assim se passava ha muitos annos a existencia d'estes dous entes tão dignos de apreço, quando a fatalidade do destino, que nos persegue com tanto mais acinte quanto mais contamos com a felicidade, veio um dia romper a paz d'aquelles corações, no meio de uma catastrophe que não poderia ser conjurada pela mais prudente previsão.

### III

Celebrava-se a festa de S. João na *Fazenda Velha*.

Por uma deploravel coincidencia, Manuel Ventura havia partido poucos dias antes para o porto da Estrella, e não podia este anno, em companhia de sua

filha, festejar o santo de mais popular devoção que se conhece em nosso calendario.

É uma noite de prazer e alegria a noite abençoada das sortes e das dansas, que nos recorda os animados folguedos de outro tempo, e nos incita ao jubilo e á felicidade.

Na roça, mais que nas cidades, são este dia e esta noite animados. Abundantes refeições são offerecidas aos hospedes, que, ás vezes de longes distancias, vem tomar parte nos divertimentos do campo e passar alguns dias na fazenda. As dansas e as pantomimas dos escravos, a quem nesse dia são concedidas algumas horas de liberdade, os fogos de artificio, os toques da musica, as cantorias, os fados, tudo isto forma um conjuncto de agradaveis distrações que contrasta agradavelmente com a paz e o socego habitual do interior das nossas vivendas campestres.

Grande era o concurso de pessoas que este anno tinham vindo passar a festa de S. João na *Fazenda Velha*. Tudo ali parecia respirar o contentamento, tão animado era o movimento, e cordial a intimidade em que todos vivião.

Apezar dos muitos fogos que se havião queimado na vespera do dia do santo, era nesta noite que devia ser mais estrondoso o divertimento. Na sala, na varanda, no terraço da casa, em toda a parte se dansava, cantava, conversava, passeava, e commentava os episodios chistosos, os acontecimentos mais vulgares da vida, que, nesses momentos, porém, de geral enthusiasmo, tomão proporções que ninguem se lembraria de lhes dar nas horas de tranquillo remanso da vida domestica.

Emilia tinha sido o alvo de todos os cortejadores de uma certa ordem, que, se bem não tomassem parte activa nos folguedos, na intimidade da familia, vagueavão no terreiro, e fazião parte da chusma dos concorrentes que costumão tomar parte nestes fastos de um certo cunho popular.

É tempo de dizer aqui que, entre os que mostravão tão grande predilecção pela filha do tropeiro, havia um moço de condição mais elevada, que não era indifferente á terna e formosa Emilia.

Elle, porém, era modesto, e não fazia ostentação d'esta quasi desconhecida preferencia, como os outros, que julgavão d'esse modo chamar com mais direito a attenção da moça. Pelo contrario, Justino, que assim se chamava elle, guardava o seu segredo, como o seu amor, no intimo do coração.

A reciproca affeição d'estes dous entes, que se estimavão sem quasi haverem ainda revelado os seus sentimentos um ao outro, e que escapava perfeitamente a todos, tal era a discrição de Emilia e a prudencia de Justino, foi por assim dizer adivinhada por um dos mais atrevidos cortejadores d'ella, o qual reunia a todas as más condições de uma vida desregrada um aspecto re-

pugnante, e modos tão grosseiros que bastariam por si para o arredar de toda a concorrência com Justino.

Foi entre estes dous que se travou uma renhida luta, perto da porteira da fazenda, na noite que se festejava o S. João na *Fazenda Velha*, onde ha pouco introduzi os leitores.

O feroz adversario de Justino provocou o seu rival a serias explicações ácerca das relações que suppunha existirem entre elle e Emilia, e d'este conflicto resultou ser barbaramente assassinado com uma porção de facadas o infeliz mancebo, que nem ao menos teve tempo de defender-se da inopinada aggressão do malvado assassino.

É facil imaginar qual seria a sensação que tal acontecimento, e em semelhante dia, produziu na familia do fazendeiro e entre os seus convidados!

O facinoroso escapou-se a todas as pesquisas, e não foi possível encontra-lo para o entregar á justa punição da justiça.

Emilia cahio como fulminada de um raio!

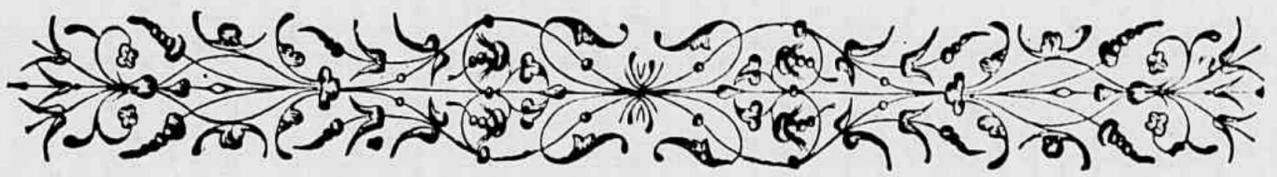
## IV

Quem ainda ha poucos annos passava junto do cemiterio da *Fazenda Velha*, nas tardes de algum dia bem triste, quando parece que a natureza chora com os homens como amavel companheira, encontrava, ajoelhado diante de uma cruz de madeira pintada de preto, um velho calvo e de cabellos brancos, com a fronte descoberta, e os olhos escondidos entre uma das mãos, em quanto a outra lhe pendia desanimada ao longo do corpo.

O velho era Manuel Ventura, e a sepultura em que elle orava a de sua filha Emilia.

ADOLPHO.





## A SEREIA

— LENDA —



bello morar á margem do mar, nas lindas praias tapeçadas de conchinhas e fina areia, em as costas em que tão ledos passárão-se os meus dias de infancia.

Com que saudades me não recordo d'aquelles sitios pittorescos, d'aquella natureza meio selvagem, meio encantadora, d'aquellas lindas paisagens, d'aquelle magnifico panorama!

Parece que esmerou-se Deos em nos aformosear os sitios que habitamos, nem nos ha talvez mais lindos nas demais partes da terra.

• Era longe do bulicio e do ruido das cidades, longe d'esse redemuinhar de paixões que nos agitam e absorvem; que nas sensações variadas que nos fazem experimentar roubão-nos esse bafejar de paz, essa aura de tranquillidade que tanto acalenta o espirito.

Era á beira do mar. Lindas casinhas de pescadores alvejavão por entre a verdura das sarças que cobrião as areias, e os primeiros reflexos do sol começavão a dourar as aguas azuladas da bahia.

E aquelles sitios, que tão ermos parecião, enchião-se de movimento e de vida: alegres e risonhos encontravão-se os moradores; o mar enchia-se de canôas que inchavão as velas ao sopro da briza, desenrolavão-se as extensas redes, cantarolavão-se cantigas cheias de poetica singeleza, e cada qual dava começo ao trabalho do dia.

A' tarde, quasi que a mesma scena se patenteava aos olhos : espelhavão-se os ultimos reflexos do sol nas aguas docemente agitadas do mar ; como fada que se desprende das aguas, surgia vagarosa a lua por entre as nuvens rosadas que enfeitavão o céo ; as esguias canôas, que pela manhã havião sulcado as ondas, abicavão, carregadas, á praia, e, cantarolando e alegres, saltavão em terra os pescadores e ião pedir á choupana o repouso da noite.

Agradava-me semelhante viver, tão innocentado das perturbações do mundo em que vivemos. Oh! se o puder um dia... tudo deixarei, e á sombra das arvores que murmurão cantos, e ao bafejo dá briza, irei viver essa vida da natureza, tão risonha e florida, tão placida e suave!

O sitio de que fallo era indicado, pela gente que ahi morava, pelo nome de — Jaburú. — Em frente, a vinte ou trinta braças da praia, alvejava um pequeno banco de areia que descortinavão as aguas na baixamar.

Sobre esse banco corria ali, como tradição respeitavel, a seguinte lenda, que vou contar aos leitores.

Era uma manhã de verão. Formosa como aquella não se tinha visto outra. Era uma d'essas lindas manhãs dos paizes intertropicaes em que o sol e a briza porfião em afagar a terra.

Elegante barquinha sulcava as aguas, e tão ligeira corria, e tão era alva a vela que agitava o vento, que mais parecia garça a esvoaçar brincando pela superficie das aguas.

E recostado negligentemente á pòpa, dava-lhe o impulso necessario um guapo mancebo, de moreno semblante e de cabellos negros.

De vez em quando abrião-se-lhe os labios, e por entre o rumorejar das ondas e o bulicio da briza tirava elle sons tão melodiosos como o de flauta tangida em noite de luar.

Era noite quando o moço voltou, e tirando açodado da canòa as redes, que em demasia pesavão, foi estendendo-as pela extensão da praia.

E em torno do mancebo grupárão-se os demais pescadores que já havião chegado.

— Boa provisão trouxeste, André, dizião, a julgar pelo que pesa a rede. Quem sabe se nos não trouxeste as penhas do Jaburú?

— Penha, não creio que seja, retorquio o moço ; cousa é que move-se.

— Vejamos pois, e dá-te pressa em desenrolar a rede.

E o moço ia desenrolando, quando com pasmo de todos, em vez da enorme forma de algum tubarão, como já pensavão muitos, vírão por entre as malhas linda cabeça de mulher... depois o collo, os braços, o tronco... o resto era como cauda de um golfinho.

Linda, era linda aquella cabeça de mulher, aquella fronte tão de neve que

dissereis a fronte de alabastro de uma acabada estatua; não tinha negros, nem louros, nem castanhos os cabellos; erão verdes como a relva dos campos, como o limo da praia, mas tão longos, tão flexiveis, tão de seda, como nunca assim se víra em fronte de mulher.

Ninguem lhe vio os olhos : cruzára sobre elles os arredondados braços, e não houve esforços que lh'os arrancassem d'ali.

Não fallou tambem, ou, se fallou, erão sons inintelligiveis, que tinham não sei que semelhança com o som das ondas quando se combatem umas contra as outras.

— Jesus!... é uma sereia!... Estás perdido, André

— Perdido!... porque?

— Não tem longa vida quem se atreve a fazer tal pesca : é sentença que não falha.

— Que culpa tive? Estendi as redes e colhi o que nellas se achava.

— Leva-a para o lugar em que a colheste; não brinques com as sereias do mar.

Em vez de seguir o conselho que lhe davão, os robustos braços de André agarrarão pela cintura a mulher-sereia; cobrio-a com a capa, e ligeiro entrou na cabana que habitava.

O que ahi passou-se, nunca ninguem soube-o, que o não referio elle. No dia seguinte, e apenas começava a raiar a primeira claridade da manhã, virão-no sahir com aquelle vulto de mulher nos braços, colloca-lo na canôa, e remar ligeiro para o banco de areia que alvejava ao longe.

Não voltou mais. Em balde os amigos e curiosos o esperarão na praia para ouvirem os segredos d'aquella noite passada a sós com a sereia que colhêra nas redes; passavão-se as horas e não chegava o mancebo.

Ao anoitecer, os outros pescadores, que se recolhião á terra, referirão que havião encontrado só a canôa, a vogar nas aguas sem direcção e sem dono.

Nunca mais voltára André.

O que fôra feito d'elle, ninguem o adivinhára nunca; mas dizião-me os velhos do lugar que alguns pescadores, que ás deshoras voltavão para terra, ao passarem proximos ao banco d'areia, vião á claridade da lua dous vultos que se movião, e a briza do mar lhes levava aos ouvidos sons angelicos de cantar sublime em linguagem desconhecida.

— É talvez André... é talvez a sereia que lhe cahíra nas redes.



# MOSAICO

---

## O QUE NÃO DIZ A LINGUA

E

## O QUE NÃO OUVEM OS OUVIDOS?

---

Novelleiros e curiosos. — Indiscretos e segredistas. — A imprensa.



Entre os palradores avultão os portadores de novidades más. Elles estão de atalaia aos acontecimentos tristes e desastrosos, e como correios electricos apressão-se na transmissão das ruins noticias; satisfazem assim uma quéda a que são forçados pelo peso que tem para a maldade. Infelizmente o homem toma parte nas desgraças do proximo com uma curiosidade pouco digna dos sentimentos que lhe deverião ter infundido as maximas sublimes do christianismo.

Vai um pobre a enforcar, ei-lo lá ante o patibulo todo olhos para ver um infeliz espernegar ás mãos do tigre humano que a sociedade ceva nas suas jaulas; ouve o temido dos ferros, e ei-lo correndo á janella para encarar com os encarcerados que expião em procissão penitencial os seus crimes; commette-se um assassinio, ei-lo rodeando o cadaver e pascendo a sua curiosidade nas ondas de sangue que ainda fuma.

Ha portadores de más noticias e não os ha de boas, a menos que não sejam cubiçosos alviçareiros que aguardão avultadas esportulas.

Em Inglaterra havia um Sr. conde de P..., que se não affligia com taes noticias, por peiores que fossem.

Se lhe annunciavão a morte de um parente, de um amigo, ou qualquer cousa desagavel, elle o negava muito senhor de si.

Morreo-lhe a mulher, e o bom do marido continuou a mandar que lhe pozessem o talher e o prato no lugar da mesa em que ella almoçava e jantava.

Recebeo um dia a visita de um lord, que infelizmente foi brindado pelo cão do conde com uma dentada.

— Não tenha medo, disse elle, o meu cão nunca mais lhe morderá.

— Nada recêe, lhe voltou o lord no mesmo tom e estendendo o cão morto com uma bengalada ingleza, nada recêe, que eu tambem não lhe darei mais.

—

Os novelleiros são por natureza levianos; assim como os ha maliciosos, ha-os tambem ingenuos e apenas portadores de novas por instincto. São como os pombos que se prestão a mala-postas. Deverião ser empregados em alviçareiros publicos, caso conviesse crear mais essa sinecura em bem da curiosidade do povo, e para dar applicação a uma corda sensivel, que deixa de ser tangida por falta de arco proprio.

Nabbi Effendi, que os tem na conta de indiscretos, diz d'elles verdades durissimas. «Elles se apressão, escreve o sabio Indiano, a publicar quanto ouvem. Não respirão sem terem divulgado o que sabem; não se demorão num lugar senão o tempo necessario que tem para fallar; contrarião-se a si mesmo se se demorão sob a pressão que os opprime; não esperão pela occasião; esvasião avidamente o seu sacco, virando-o de bocca para baixo; dizem e redizem o que sabem, o que ouvirão, e muitas vezes acrescentão alguma cousa por sua conta.»

—

« Os velhos, diz Bonamici, são amigos de narrar contos, e os meninos avidos de ouvi-los; o que justifica o adagio de que os extremos se tocão. »

\* \*

O segredo é, segundo os lexiographos, o silencio que convem guardar sobre qualquer cousa que se deseja occultar.

É d'elle que depende o bom resultado de um trama, o desenlace de um negocio diplomatico, o acerto de uma medida policial e a honra individual.

Os jogadores dizem que o jogo faz-se calado; os negociantes confessão que o segredo é a alma do negocio.

--

O proverbio hespanhol tem por perigoso o segredo que passa de tres; Calderon, porém, certifica que elle nem um azar corre mesmo entre trinta mil pessoas, comtanto que ellas se interessem por guarda-lo.

Mas esse interesse tão derramado é como o das nossas companhias mercantis; e cousa de muitos diz o ditado... que a final a ninguem pertence.

Segundo os Hebreos, o meio mais facil para alcançar-se um segredo era o da embriaguez. São duas cousas, dizião elles, que não podem estar juntas, o vinho e o segredo. Se aquelle entra, este sahe immediatamente. Portanto, além de juramento para segurança de um segredo, deve tambem exigir-se *temperança*.

—

Isocrates aconselhava que guardassemos o segredo ainda com mais fidelidade do que o dinheiro que nos fosse confiado; e com toda a razão, porque é facil obtermos qualquer quantia; mas segredo é alma, que, sahida do corpo, não volta a elle, a menos que Lazaro resuscite de novo.

—

Calderon dizia que ninguem guardava melhor o seu segredo do que aquelle que o ignorava.

Balthasar Gracian tinha por maxima que era melhor nem ouvi-los nem confia-los de ninguem.

Rojas observa que aquelle a quem confiamos o nosso segredo fica senhor da nossa liberdade, e acrescentava que os nossos amigos não o guardarião melhor do que nós mesmo, e por isso era bom não da-lo a guardar.

Richter allega que basta dar parte de um segredo para que nada mais reste d'elle em nosso poder.

—

Quantos não tem pago com a vida a posse de um segredo, só para que não venhão a divulga-lo!

A um sujeito que sabia de um facto secreto, derão-lhe sete facadas; não

morreo ainda assim, e Rufo dizia que, para fechar-lhe uma bocca, lhe havião aberto sete.

—

Para certos segredos não ha lugar no coração humano, e tal é o segredo de um crime. O inferno o divulga, e Mullner diz que é em vão que o homem procurará aninha-lo ao lado do de seus desejos culpados.

—

A curiosidade humana é a mulher em pessoa. Isso dizem todos os homens; mas as mulheres jurão que são elles os curiosos. O que é verdade é que elles são filhos de Eva.

Salomão diz nos seus Proverbios que, como o sepulcro e o inferno, os olhos do homem são insaciaveis. Aqui tomou o todo pela parte, pois bem se vê que queria fallar da mulher.

—

Nada irrita mais as pessoas vehementes, segundo a reflexão de J. P. Richter, do que uma allocução calma.

—

« O insensato, diz o autor do *Havamal* ou o canto de Odinn, faz muito bem em calar-se em publico, porque ao menos não lhe notarão a ignorancia, e a ignorancia não se dissipa fallando. É sabio quem sabe o que deve perguntar e o que deve responder, o que deve dizer e o que deve calar; é melhor que se diga do que não se diga o que a final de contas ha de vir-se a saber. »

—

A voz humana, segundo Calderon, não é como ouro ou prata, cujo valor se determina pelo tinido. Qualquer que seja o valor que exprima, ella tem sempre o mesmo som.

\* \*

A imprensa é a mãe do laconismo e do algaravismo.

Se o autor paga a inserção de seus artigos, ei-lo como um Laconio a contar as linhas, a cortar as phrases, a arredondar os periodos.

Se, pelo contrario, é pago para escrever, o caso muda de figura; escreve a tantos reis por linha, e portanto impera o algaravismo nos seus escriptos.

O dialogo é a mina californiana que lhe converte a tinta em ondas de ouro, como se Midas empunhasse a penna, apesar de suas orelhas.

Alexandre Dumas, Balzac, Eugène Süe, e outros que inundarão e inundão a imprensa franceza com uma alluvião espantosa de romances, reduzirão o dialogo a monosyllabos, isto é, casarão o laconismo com o algaravismo.

O dialogo é curto em palavras, mas extenso em linhas, e como as linhas é que rendem, a caixa da receita falla sempre em favor do algaravismo.

Esses senhores nunca deixão cousa alguma no seu tinteiro; assim Balzac aproveitava-se da correcção das provas para augmentar o que tinha escripto, e fazia-o de tal modo, que os compositores blasphemavão á vista de suas revisões interminaveis.

De Sanctis observa que hoje se faz da litteratura uma mercadoria. « Os profanos dizem, ajunta o illustre Italiano, que o seculo é industrial e commercial, e que, sendo elles desgraçadamente letrados, não tem remedio senão abrir loja de lettras, vender palavras, como outros por ahi vendem vinhos ou generos coloniaes. »

## SEBASTIONOPOLINO.



## CARIDADE

Que ma faible parole, en charité féconde,  
Rende tous les cœurs généreux!

O que vale a pompa das instituições sociaes em quanto o superfluo do rico não fôr propriedade do indigente, em quanto os andrajos dos mendigos protestarem contra os europeis dos potentados? Não é a terra nossa mãe commun? Não é Deos pai dos proprios passarinhos, pai dos homens, pai de todos? Como, pois, tanto luxo e vaidade vivendo sob o mesmo céu com tanta pobreza e humilhação?

Penetrai no triste refugio da indigencia. Miseras criancinhas ali vegetão, perdida a alegria e aquelles encantos que as fazem anjinhos d'este mundo. Uma flor adorna a cabeça da pensativa donzella; porém mal lhe cobre a nudez tecido grosseiro. E a mãe, debulhada em lagrimas, abraça os filhos. O sol nunca sorri para essas creaturas. Será que ellas mereção a ira do Senhor?

Dai ao indigente, ó felizes da terra! A vós sómente toca corrigir o defeito das desigualdades de fortuna. Crêde que Deos o tolera sob vossa responsabilidade. Palacios, riquezas, de tudo nos despojamos nos umbraes da outra vida. Só comnosco vão as virtudes... e os crimes. A esmola é a flor mais bella da corôa dos eleitos.

Dai ao indigente, porque na hora da morte vos será lenitivo e esperança a recordação dos beneficios. Dai, porque, mesmo na peregrinação d'este mundo, Deos, que é a propria caridade, vos indemnizará com mil venturas, sendo a maior d'ellas proteger os vossos filhos. Dai finalmente, porque tendes d'essa acção meritoria constante exemplo no throno, e porque, sendo a generosidade espontanea no Brasil, não devem neste solo abençoado criar raizes a miseria e a desgraça.

O trabalho é um direito e tambem um dever. Inclui esse dever no vosso codigo de caridade, para que em as nossas cidades, outr'ora tão esplendidas pela abundancia, jámais vagueie a perigosa ociosidade, a mãe dos vicios. Mereça vossa protecção a indigencia honesta, e extingui a mendicidade asquerosa que faz da esmola uma profissão.

Estas vozes me sahem do coração, e é o Deos de justiça quem m'as inspira. O bem e o mal dependem de nossas acções; o premio e o castigo serão infalíveis. E pois sejamos bons pela caridade.



# POESIAS

## SAUDADES

Saudades — de meus amores,  
Saudades — de minha terra.

C. D'ABREO.

Nas horas tristonhas das tardes d'estio,  
Nas horas que ledo se ouve o soar  
Do sino d'aldeia batendo a trindade,  
Calado, sózinho,  
Eu tenho saudade  
De tudo que é meu!...

E quando á tardinha o céu s'escurece,  
E a terra s'envolve em manto de trevas,  
E o céu marchetado d'estrellas, formoso,  
Se mostra brilhante,  
Meu peito extremoso  
Parece finar-se!...

E o astro da noite s'eleva no céu,  
Lançando na terra seus raios de prata;  
A luz bemfazeja da lua formosa  
Reflecte em minh' alma  
Paixão extremosa  
De meiga saudade!

E quando no ramo da linda romeira  
Eu ouço tristonha a voz da rolinha,  
Eu sinto no peito saudades da terra,  
    Dos campos, das flores,  
    Do cume da serra,  
    De tudo que é meu!...

Em meiga poesia minh' alma s'enleva  
Nesta hora de triste, de amargo penar;  
Eu tenho saudades da terra d'amores,  
    Dos prados mimosos,  
    Dos doces odores  
    Que as flores exhalão.

E quando na praia eu ouço o rolar  
Das ondas cadentes na areia batendo,  
Eu tenho saudades de tudo que é meu,  
    De tudo que amo  
    Na terra, no céu;  
    De tudo — saudade!!...

J. MONTENEGRO.

2 de novembro de 1861.



## NUMA FOLHA BRANCA

Entre as sombras acoutada,  
Na serena hora da sesta,  
Oh! como é doce o perfume  
Da violeta modesta!

Assim, ó virgem, tu' alma,  
De luz, fulgor, d'innocencia,  
Urna d'amor, vaso excelso,  
Derrama a divina essencia!

Ao teu contacto ineffavel,  
Por mysterioso encanto,  
Tudo que é nobre se exalta,  
O puro torna-se santo!

Ao pousar na terra as plantas,  
Anjo envolto em casto véo,  
Hesitas, abrindo as azas,  
Suspensa entr' a terra e o céo!

Oh! não hesites! Da vida  
Entrando a penumbra, vai  
Cónsolar a dòr afflicta  
De teu grave e nobre pai!

Por milagrosa influencia  
De teus celestes carinhos,  
Transformaste em frescas rosas  
A sua c' rôa d'espinhos!

Ajoelhaste... Um momento  
Depois de extasi puro,

Entrarão no lar paterno  
A vida, a gloria, o futuro!

Anjo e filha... um dia esposa...  
Terás cumprido a missão  
Da mulher, penhor sagrado  
Entre Deos e a criação!

Pois para inteirar o molde  
Da soberana harmonia,  
Até cantando em teus labios,  
Canta a musa da poesia!

A. E. ZALUAR.





*Levee Imp. r. 55 Louis en l'île. go Paris*

# JORNAL DAS FAMILIAS

Fevereiro de 1864



## MODAS

---

### DESCRIÇÃO DO FIGURINO DE MODAS.

#### TOILETTES DE BAILE.

*Primeira toilette.* — Vestido de tarlatana branca. Na beira da saia, quatro *ruches* grossas de tarlatana com grãos soltos de froco encarnado vivo; em cima põe-se a mesma guarnição formando ondulações; laços Pompadour de velludo encarnado vivo na cavidade de cada ondulação. Corpinho degotado com guarnição analoga. Enfeite de cabeça de velludo encarnado vivo; collar de coral, luvas de pellica branca e braceletes de ouro.

*Segunda toilette.* — Vestido de tafetá branco lavrado, com pequenos desenhos verdes e azues; em cada panno, rhombos irregulares de tafetá escossez entrelaçados, e ornados de franjas de froco das mesmas côres; corpinho de pregas, com tiras enviezadas de tafetá escossez e franja de froco; nos hombros, enfeites semelhantes aos da saia, em ponto mais pequeno. Largo cinto de tafetá escossez formando um grosso laço e pontas compridas, o qual põe-se de lado. Enfeite de cabeça e ramo de rosas bravas, de velludo verde e azul, com hervas seccas e hastes de aveia.

#### EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE MOLDES.

A pedido de alguns dos nossos assignantes, publicamos hoje os moldes de um vestuario de menino, casaquinha e calças.

Nº 1. — Costas da casaquinha.

Nº 2. — Pequeno lado.

Nº 3. — Frente.

Nº 4. — Manga.

Nº 5. — Calças.

Este vestuario, que se faz de panno leve, de *popeline* ou de lã de camelo, foi publicado no nosso figurino de modas do mez de novembro do anno passado. Guarnece-se com uma tira enviezada, e com uma carreira de botões ao redor da casaquinha e na costura das calças. A casaquinha veste-se com um colletinho.

Nº 6. — Manga de *nansouk*, de cotovello; damos esta manga por inteiro para dar uma ideia do feitio mais adoptado pela moda. De um lado, cosem-se as duas partes juntas em todo o comprimento, e, do outro, desde o principio da abertura, de maneira que fique fechada completamente; borda-se, de um lado, um canhão em *point de poste* e bordado *à la minute*, ou, preferindo-se, em ponto de relevo e pequenos grãos; o outro lado, que fica por baixo, recorta-se simplesmente na beira.

Nº 7. — Quarta parte de véo de poltrona, em applicação de *nansouk* sobre filó grosso de malhas redondas. Este genero de véo de poltrona usa-se muito nos mais elegantes aposentos de Paris.

Nº 8. — A. S. Iniciaes. Ponto de relevo e grãos em realce.

Nº 9. — Lucia. Nome para canto de lenço. Ponto de relevo.

Nº 10. — A. P. Iniciaes entrelaçadas. Ponto de relevo.

Nº 11. — N. P. Iniciaes. Ponto de relevo.

Nºs 12 e 13. — B. H. e J. C. Iniciaes. Ponto de relevo e *point d'armes*.

Nº 14. — Z. J. Iniciaes para roupa de mesa e lençoes. *Point de rose* e cordãozinho.

Nº 15. — Sabina. Nome para canto de lenço. Ponto de relevo com linha branca, e contornos de cordãozinho com linha de cor.

Nº 16. — Valeria. Nome para canto de lenço. *Point de rose* e cordãozinho.

Nº 17. — C. A. Iniciaes. Ponto de relevo branco, cordãozinho de cor.

Nº 18. — J. R. Iniciaes tendo por cima uma corôa de conde. Ponto de relevo.

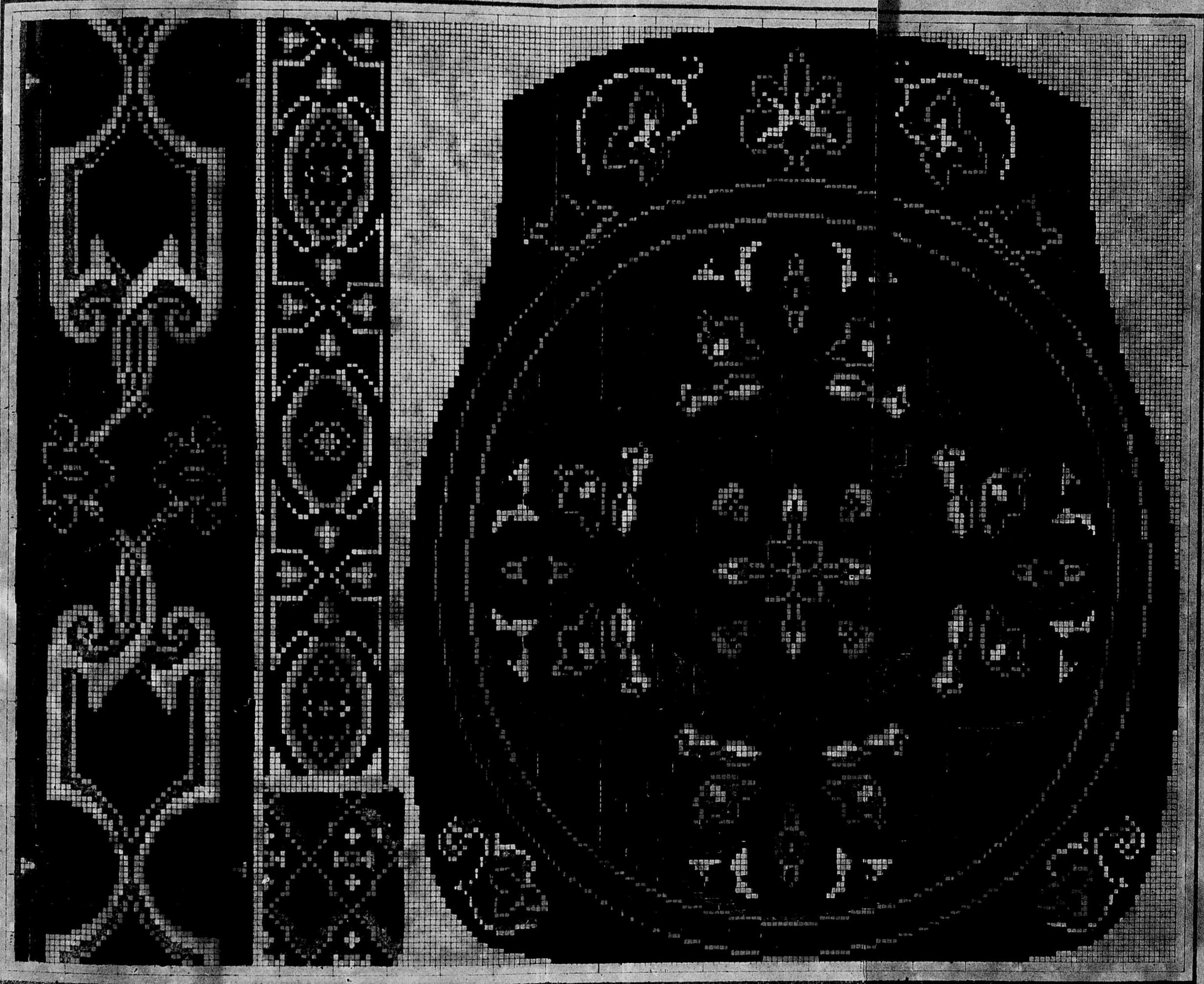
---

## TRABALHOS

---

### TOUCA DE CROCHET.

Para satisfazer ao pedido de algumas das nossas assignantes, offerecemos-lhes este modelo de touquinha *de crochet* para criança, que, sendo finissimo, produz um effeito muito bonito.



Toma-se linha de crochet *C. B.* n.º 150, e um crochet de aço de uma grossura propria para a linha.

O fundo compõe-se de uma estrella, porém não é feito em redondo; a touca faz-se de um pedaço só, indo para diante e para trás.

Fazem-se 86 malhas; volta-se sobre estas malhas, fazendo-se uma malha dobrada em cada malha *chainette*. Faz-se depois uma carreira de malhas dobradas, entrando sempre o crochet na parte de trás das malhas, para que o trabalho forme riscas salientes.

2ª *Risca*. — Deixão-se cinco malhas da risca precedente na parte de cima, isto é, no lugar que deve formar o meio da estrella para o fundo da touca; faz-se uma carreira de malhas dobradas, e torna-se para trás sempre com malhas dobradas, entrando o crochet na parte de trás das malhas. Esta ultima advertencia applica-se a todas as carreiras do trabalho; é preciso não esquece-lo.

5ª *Risca*. — Deixão-se cinco malhas da carreira precedente na parte de cima. Fazem-se 5 malhas dobradas; \* 4 *barrettes* em uma malha só da carreira precedente, para formar um grãozinho em realce; 8 malhas dobradas, repete-se desde \* até o fim da carreira. Na volta, fazem-se sempre malhas dobradas; porém atrás do grão formado com 4 *barrettes* faz-se uma m. *chainette* para não perder-se um ponto. Na carreira seguinte deixão-se ainda cinco malhas na parte de cima; na volta, principia-se o pequeno entremeio aberto; 2 *barrettes*; \* 8 m. *chainettes*; passão-se 8 malhas da carreira precedente (quando indicarmos uma ou mais malhas *chainettes*, ou malhas *no ar*, neste trabalho, deve-se passar, debaixo das malhas, um numero correspondente de malhas da carreira precedente para não se augmentar); 1 *barrette*; 1 m. *chainette*; 1 *barrette*; repete-se tres vezes desde \*; conclue-se com 8 m. *chainettes*, 2 m. dobradas, 1 m. simples, e corta-se a linha depois de tê-la feito correr simplesmente por entre a malha, sem dar nó.

Torna-se a principiar na outra extremidade da carreira, e fazem-se 2 *barrettes*, 2 m. *chainettes*; depois \* 4 *barrettes* nas quatro malhas do meio das oito malhas *chainettes* da carreira precedente; 5 m. *chainettes*; 1 *barrette* na malha *chainette* que separa as duas *barrettes* da carreira precedente; 5 m. *chainettes*; repete-se tres vezes desde \*; depois fazem-se mais 2 m. *chainettes*, 5 m. dobradas e 1 malha simples; quebra-se a linha, e torna-se a principiar na outra extremidade da carreira.

5ª *Carreira do entremeio*. — 5 *barrettes*, 2 m. *chainettes*, 5 *barrettes*, \* 5 m. *chainettes*, 5 *barrettes*, 2 m. *chainettes*, 5 *barrettes*; repete-se duas vezes desde \*; fazem-se mais 2 m. *chainettes*, 2 m. dobradas e 1 malha simples; quebra-se a linha, e torna-se a principiar na outra extremidade da carreira.

4ª *Carreira*. — 2 *barrettes*, 5 m. *chainettes*, \* 4 *barrettes* principiando-se na ultima das tres *barrettes* da carreira precedente, 5 m. *chainettes*, 1 *bar-*

*rette*, 3 m. *chaînettes*; repete-se duas vezes desde \*; depois fazem-se 4 *barrettes*, 5 m. *chaînettes*, 2 m. dobradas, 1 malha simples; não se quebra a linha, porém volta-se sobre a ultima carreira, fazendo-se 1 malha simples, 2 malhas dobradas, e depois sempre 8 m. *chaînettes*, 1 *barrette*, 1 m. *chaînette*, 1 *barrette*, continuando-se assim, como na primeira carreira.

Ficão então concluidos a primeira tira fechada e o primeiro entremeio aberto; no fim da ultima carreira quebra-se a linha.

Torna-se a tomar o trabalho pela extremidade em que se fizerão as diminuições; principia-se na primeira malha da parte de cima da primeira risca, e faz-se em todo o comprimento do trabalho uma carreira de malhas dobradas, tomando-se todas as malhas que não se tomárão nas diminuições. Precisar-se ha arrematar as pontas de linha, fazendo-as passar por baixo das malhas. Atrás do primeiro grão faz-se uma malha *chaînette*; continua-se a carreira de malhas dobradas por cima da ultima carreira do entremeio.

Tem-se principiado a segunda tira fechada. Ella faz-se absolutamente como a primeira. Faz-se uma carreira de malhas dobradas, e depois torna-se a principiar na segunda risca, seguindo-se as indicações já dadas. Continua-se da mesma maneira até que se tenha feito tres tiras fechadas e tres entremeios abertos. No fim da quarta tira fechada augmenta-se de 70 malhas para a *passé*, e continua-se o mesmo trabalho até ter-se ao todo doze tiras fechadas e doze entremeios. Faz-se depois, ao redor da touca, uma carreira de malhas dobradas e uma carreira de *barrettes* cheias. Conclue-se por uma guarnição dobrada formando renda.

1<sup>a</sup> Carreira da renda. — 6 m. *chaînettes*, 4 *barrettes*; repete-se até o fim da carreira.

2<sup>a</sup> Carreira. — 2 malhas *chaînettes*, 2 *barrettes*; repete-se.

3<sup>a</sup> Carreira. — *Barrette* em cada malha.

4<sup>a</sup> Carreira. — 5 malhas *chaînettes*, 1 *barrette* triple; repete-se.

5<sup>a</sup> Carreira. — 1 *barrette*, 5 m. *chaînettes*; repete-se.

6<sup>a</sup> Carreira. — 2 *barrettes*, 2 m. *chaînettes*; repete-se.

7<sup>a</sup> Carreira. — 5 *barrettes*, 7 m. *chaînettes*; repete-se.

8<sup>a</sup> Carreira. — 3 m. dobradas nas 3 *barrettes* do meio das cinco *barrettes* da carreira precedente, 4 m. *chaînettes*, 1 m. dobrada, 4 m. *chaînettes*; repete-se desde o principio.

9<sup>a</sup> Carreira. — 1 m. dobrada na malha do meio das tres malhas dobradas da carreira precedente, 3 m. *chaînettes*, 3 *barrettes*, 3 m. *chaînettes*, 3 *barrettes*, 3 m. *chaînettes*. Repete-se desde o principio. Esta carreira conclue a renda.

Torna-se a trabalhar por cima da carreira de *barrettes* cheias, e faz-se uma segunda renda, que parece posta por cima da primeira.

1<sup>a</sup> Carreira. — 2 *barrettes*, 2 m. *chaînettes*; repete-se.

2<sup>a</sup> Carreira. — 5 *barrettes*, 7 m. *chaînettes*; repete-se.

Repetem-se depois as duas ultimas carreiras da renda. A touquinha não precisa de guarnição; enfia-se uma fita por cima da renda, e forma-se com ella um nó atrás. Cosem-se duas fitas para amarra-la.

TAPETE PARA ALAMPADA. N<sup>os</sup> 6 E 25.

*Materiaes.* — Para o par, 60 centímetros de talagarsa brasileira de cor clara; lãs das cores indicadas para a tapeçaria; lã matizada para o bordado; ao todo 110 grammas; 25 grammas de lã mesclada de ouro e preto; fio de arame.

Este modelo é completamente novo.

O fundo do tapete, feito em talagarsa brasileira finissima, deve ter o tamanho de 20 centímetros quadrados. Borda-se no centro um ramo de rosas, conforme o nosso desenho n<sup>o</sup> 25, e em cada canto um motivo semelhante ao que publicamos, e que deve ser bordado com lã cor de páo, e cujo contorno exterior deve ser rodeado com um fio de ouro; depois faz-se a grega com lã preta. Acrescenta-se depois a guarnição, que se faz de crochet. Em primeiro lugar faz-se uma porção de *chainettes* que chegue para rodear o tapete, com a lã verde a mais escura; depois faz-se uma *barrette* em cada malha, e uma malha *chainette* entre cada *barrette*; faz-se mais duas carreiras semelhantes, uma com o segundo verde, e a outra com o verde mais claro; toma-se depois fio de arame muito fino; faz-se uma carreira de malhas dobradas, entrando o crochet em cada malha da ultima carreira de verde, e trabalhando-se por cima do fio de arame com a lã preta mesclada de ouro. Cose-se a beira d'esta guarnição, do lado da *chainette* do principio, ao redor do quadrado de talagarsa brasileira; dá-se-lhe o feitiço de conchas, conforme o representa o nosso desenho n<sup>o</sup> 6; o fio de arame encurva-se facilmente, e fica na posição que se lhe dá; convem principiar por segurar as conchas com alfinetes, a fim de faze-las bem iguaes. Prendem-se depois com alguns pontos de seda verde ou preta nos lugares onde se ajuntão os seus lados. O nosso desenho não mostra perfeitamente esta disposição, cujo effeito é muito aprazivel. A lã mesclada de ouro dá muito brilho a este pequeno trabalho, que é muito bonito, sobretudo visto ás luzes.

## COLCHA DE CROCHET TUNISIEN, DE LÃA E SEDA.

*Materiaes.* — 5 matizes de lã encarnado vivo, de lã verde e de lã roxa; 60 grammas de cada um dos verdes mais escuros; 120 grammas do mais claro; 50 grammas dos dous matizes mais escuros da lã encarnado vivo e da lã roxa, e 50 grammas dos matizes mais claros; 180 grammas de lã preta, e 45 grammas de retroz de Berlim cor de milho; um crochet *tunisien* e um crochet ordinario de osso.

Fazem-se 289 m. *chainettes* com o verde o mais escuro.

1ª *Carreira*. — Crochet *tunisien*; apanhão-se duas malhas; depois \* passa-se a ultima argola que está no crochet por entre a penultima; apanhão-se 9 malhas; passa-se a lã emcima do crochet, e forma-se uma segunda argola na mesma malha, isto é, levantão-se 2 malhas em uma só malha da carreira precedente; apanhão-se 10 malhas; passa-se a seguinte; apanha-se a que vem depois; repete-se desde \* até o fim da carreira; apanha-se a ultima malha.

2ª *Carreira*. — Enfia-se a lã por entre a primeira malha, e depois sempre por entre duas malhas de uma vez.

3ª *Carreira*. — Toma-se o segundo matiz do verde; entra-se o crochet entre a primeira e a segunda malha vertical, e puxa-se pela lã de maneira a formar uma argola; depois passa-se esta argola por entre aquella que estava já no crochet; \* apanhão-se as 9 malhas seguintes como de costume; depois entra-se o crochet entre a nona e a decima malha vertical, através do trabalho; passa-se a lã emcima da agulha, e entra-se o crochet no mesmo lugar em que formárão-se duas malhas; apanhão-se as 10 malhas seguintes; passa-se a undecima; enfia-se a ultima argola que está sobre a agulha por entre a penultima; repete-se desde \*.

4ª *Carreira*. — Como a segunda. Toma-se o verde mais claro, e fazem-se com elle 4 carreiras, repetindo-se alternativamente a terceira e a quarta.

Toma-se o crochet ordinario, e faz-se com a lã preta uma malha dobrada em cada malha, menos na ultima, na qual devem-se fazer 5; na extremidade opposta passa-se uma malha. Faz-se uma carreira semelhante com retroz côr de milho no lado claro da tira, que fica concluida com esta carreira. Trabalha-se depois no comprimento da tira com a lã preta da maneira seguinte:

1ª *Carreira*. — 1 m. dobrada em cada extremidade, e 9 m. *chaînettes* entre cada malha dobrada.

2ª *Carreira*. — 1 m. dobrada, 5 m. *chaînettes*; passa-se 1 malha, e repete-se.

Repetem-se estas duas carreiras no outro lado da tira. Faz-se uma tira semelhante com lã encarnado vivo, depois uma verde, uma roxa, uma encarnado vivo, continuando-se assim; ajuntão-se nas duas beiras de lã preta com uma costura de pontos em cruz feitos com retroz côr de milho, assim como o indica o nosso desenho. 7 tiras verdes, 5 encarnado vivo e 5 roxas bastão para uma colcha. Quando todas as tiras estão reunidas, faz-se de cada lado, com o retroz côr de milho, uma carreira de 2 malhas dobradas em cada aberto de 5 m. *chaînettes* das beiras pretas exteriores. Acrescentão-se borlas de lã dos mesmos matizes.

#### EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE BORDADOS.

Nº 1. — Alfabeto de lettras romanas maiusculas para marcar lenços, roupa de mesa e fironhas.

Nº 2. — Touca de criança, de crochet. (*Ver os trabalhos.*)

Nºs 3 e 4. — Collarinho e punhos de panno dobrado pespontado, e bordado delicado. Ponto de relevo e *point d'armes*.

Nº 5. — Guarnição de *mignardise* (trancelim enfeitado) de seda preta para vestidos, casaquinhas, etc.

Nº 6. — Guarnição de tapete para alampada. (*Ver os trabalhos.*)

Nº 7. — *J. G.* Iniciaes. Ponto de relevo.

Nºs 8 e 9. — *Constancia* e *Aglaé*. Nomes para cantos de lenços. Cordãozinho e ponto de relevo.

Nº 10. — Colcha de crochet *tunisien*. (*Ver os trabalhos.*)

Nº 11. — *A. L.* Iniciaes. Ponto de relevo e *point de poste*.

Nº 12. — Guarnição de ponto russo para casaquinhas e vestuários de crianças. Uma nova assignante pede-nos a explicação d'este ponto. Ei-la : faz-se um ponto grande na parte de cima do trabalho, e depois um pequenino embaixo, formando uma simples risca ; sómente, para segurar o trabalho e cobrir o pequeno espaço de panno que separa os pontos grandes, torna-se para trás, e faz-se um pequeno pesponte encima do ponto que passa por baixo da fazenda.

O ponto russo faz-se com seda, linha de bordar, ou lã preta finissima. Não é possível fazer-se desenhos redondos com este ponto ; são quasi sempre zigzagues, ou dentes agudos ; para cada risca faz-se um ponto grande, e depois um pequeno pesponte ; quando as riscas são muito compridas no desenho, continua-se alternando os postos grandes e os pespontes.

Nºs 13 e 14. — Motivos para cantos de lenços. Ponto de relevo e *point d'armes* (este ultimo é indicado pelas partes sombreadas do desenho).

Nº 15. — *Helena*. Nome para canto de lenço. Ponto de relevo, cordãozinho e grãos em realce.

Nº 16. — *M. R.* Iniciaes. Ponto de relevo, grãos em realce e cordãozinho.

Nº 17. — Escudo para canto de lenço. Ponto de relevo, *point de rose*, cordãozinho e grãos, com as iniciaes *N. F.* entrelaçadas em cordãozinho.

Nºs 18 e 19. *L. G.* e *P. D.* Iniciaes. *Point de rose* e ponto de relevo.

Nº 20. — Gola de padre. Recôrte. *Point de rose*, grinalda ponto de relevo.

Nºs 21 e 22. — Entremeios para camisinhas e outra roupa branca. Ponto de relevo e *point d'armes*.

Nº 23. — Quarta parte de lenço, bordado rico, com flores-de-liz. Ponto de relevo, cordãozinho e pequenos grãos ; recôrte *point de rose*.

Nº 24. — Dous *H* entrelaçados. Iniciaes. Ponto de relevo.

Nº 25. — Tapete para alampada. (*Ver os trabalhos.*)

Nºs 26 e 27. — Escudos para cantos de lenços. Cordãozinho e ponto de relevo, com iniciaes em cordãozinho.

Nºs 28, 29 e 30. — *C. G.*, *L. A.* e *M. B.* Iniciaes. Cordãozinho e ponto de relevo.

Nº 51. — *M. B.* Iniciaes para roupa de mesa, lençóes e fronhas. Recórte *point de rose*, grãos em realce, folhas de trevo em ponto de relevo partido.

Nº 52. — Quarta parte de lenço. Cordãozinho e ponto de relevo; recórte *point de rose*.

Nº 53. — Entremeio para roupa branca. Contornos em cordãozinho, grinalda de botões de rosa em ponto de relevo e *point d'armes*.

Nº 54. -- *H. D.* Iniciaes. Ponto de relevo e *point d'armes*.

#### DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA DE TAPEÇARIA COLORIDA.

Este novo desenho, composto expressamente para as nossas assignantes pelo habil debuxador o Sr. Formstecher, lhes agradará sem duvida pelas numerosas combinações que offerece. O motivo principal representa um sacco de viagem, que póde reproduzir-se de differentes tamanhos, conforme a grossura da talagarsa que se empregar. Escusado é dizer que deve-se repetir duas vezes o nosso desenho para fazer este sacco, que produzirá um effeito riquissimo sendo trabalhado com bellas lãas de côres brilhantes e bem harmonizadas.

O redondo só, rodeado de uma grega preta com chão encarnado, faria um lindo banquinho de pés para meio de sala de visitas, em talagarsa ordinaria, de ponto imperial, isto é, trabalhado sobre 16 fios em lugar de 4. Encruza-se este grande ponto de 16 fios como o ponto de marca, com lãa grossa; depois torna-se a encruzar no sentido opposto, o que enche bem todos os vacuos e realça muito ao trabalho. O nosso desenho, cheio de detalhes, convem particularmente para este genero de trabalho, muito apreciado neste momento.

A mais estreita das tres cercaduras da nossa estampa convirá muito para a roda exterior do banquinho. A mais larga, com os seus graciosos arabescos, póde utilizar-se de muitas maneiras differentes, quer para cercadura de tapete, quer para trastes, alternada com tiras de velludo, quer para rodear cortinas ou reposteiros de reps de lãa ou seda.

Emfim o mais pequeno desenho serve igualmente para chão e para cercadura. Lindissimo será para banquinho, almofada, ou, sobre talagarsa finissima, para almofadinha, tapete para pequena mesa redonda, fundo de tapetinho para lampada, etc.

